

En definitiva, este pode ser un libro útil para un público formado e interesado na lingüística e, particularmente, na variación dialectal do galego. No entanto, o autor debería reflexionar sobre a adecuación ou certeza dalgunhas opinións. Esperamos que esta recensión sirva para fomentar o debate científico sobre o tema.

Referencias bibliográficas

- Fernández Rodríguez, Manuel (1969). "El habla de Goyán", *Cuadernos de Estudios Gallegos* 72, 193-205.
- Mariño Paz, Ramón (1994): "Sobre certas alteracións do vocalismo tónico en galego e mais en portugués. Consideracións acerca da posible influencia metafonética exercida por /-e/ átono en final de palabra", *Verba* 21, 85-111.
- Pousa Ortega, Helena (1987): *A fala de Goián. Estudio descriptivo*. Tese de licenciatura (inédita). Santiago de Compostela: Universidade.
- Pousa Ortega, Helena (1991): "O fenómeno da ditongación gaionesa, características principais", en Francisco Fernández Rei / Mercedes Brea (coords.), *Homenaxe ó profesor Constantino García*. Santiago de Compostela: Universidade, vol. 1, 403-417.
- Pousa Ortega, Helena (2004): "A ditongación goiana: unha evolución particular do /e/ tónico galego", en Rosario Álvarez Blanco / Francisco Fernández Rei / Antón Santamarina (eds), *A Lingua galega, historia e actualidade. Actas do I Congreso Internacional, 16-20 de setembro de 1996, Santiago de Compostela*. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega / Consello da Cultura Galega, vol. IV, 383-392.

BOULLÓN AGRELO, ANA ISABEL / HENRIQUE MONTEAGUDO (2009): DE VERBO A VERBO. DOCUMENTOS EN GALEGO ANTERIORES A 1260. Anexo 65 de *Verba*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 292 pp.

Na diacronia latino-romance desenvolveram-se dois tipos de procesos de grande transcendência, um referente à formação das variedades românicas da imediatez comunicativa que, durante séculos, conviveram com o latim, língua da distância, e o outro, o processo de passagem à escrita desses idiomas vulgares românicos aos quais esteve vedado, durante séculos, o acesso ao código gráfico.

Desde o século IX, começan a surgir, no âmbito românico, as primeiras penetrações – raras e isoladas – dos vulgares no domínio da distância, aparecendo progressivamente, a partir de então, os primeiros documentos de cada domínio linguístico. Contudo, a constituição e consolidação de tradições de língua da distância românica, designadas *scriptæ* desde o estudo de Remacle (1948), tem lugar a partir dos séculos XII e XIII (Koch e Oesterreicher 2007: 192).

Saliente-se que o processo de escrituralização dos romances implica aspectos de natureza meramente medial, como seja a escolha do meio gráfico, de um sistema grafemático, e aspectos concepcionalmente relevantes que resultam da progressiva apropriação de um número cada vez maior de tradições discursivas da distância até ocupar todo o espaço da distância comunicativa e do necessário desenvolvimento de estruturas linguísticas e textuais adequadas a essas novas situações de comunicação escrita.

Do que fica dito conclui-se, relativamente à formação de *scriptæ* dos vários domínios românicos, que nem no plano da relação entre grafia e vocalidade, nem no plano linguístico e discursivo, cada *scripta* é um puro reflexo, uma reprodução das variedades imediatas de então. Efectivamente, foi já posto em relevo que, desde o início do processo de formação de uma *scripta*, "elle s'écarte inévitablement

des formes linguistiques de l'immédiate" (Koch e Oesterreicher 2001: 610). Por outro lado – e este aspecto torna a questão ainda mais complexa –, as *scriptæ*, sobretudo as que se formaram num período mais antigo caracterizado por intensa variação linguística, viram-se afectadas, desde cedo, por forças de unificação emanadas de centros de intensa produção scriptural e textual de forte capacidade de irradiação (Koch e Oesterreicher 2007: 192). Aliás, a própria adopção dessa inovação cultural que consistiu no uso das variedades românicas da imediatez na escrita pode resultar da propagação desse uso a partir de centros culturais vizinhos ou que, não o sendo, através de redes de contactos e influências abriram caminho para a aceitação da nova prática scriptural em raios de acção mais ou menos amplos.

Estas breves reflexões a propósito da escripturalização dos romances permitem compreender melhor a complexidade das questões tratadas no livro em co-autoria de Ana Isabel Boullón Agrelo e Henrique Monteagudo e avaliar o seu alcance para o conhecimento da situação medieval do segundo processo acima referido, o processo de passagem à escrita, no território da Galiza, do romance do Noroeste peninsular, historicamente resultante do latim galaico.

Como se explica logo no início do livro, pretendem os autores, que anteriormente desenvolveram investigação e publicaram trabalhos sobre a primitiva produção escrita em romance surgida na Galiza, reunir e editar documentos notariais em romance escritos naquele território em data anterior a 1256 e uma seleção dos que foram produzidos nos cinco anos subsequentes, ou seja, entre 1256 e 1260.

Além da introdução em que são apresentados os objectivos do livro, o seu conteúdo e organização, fazem-se algumas observações sobre a origem e história da obra, explicando-se, a este propósito, a questão da co-autoria. Na estrutura global do estudo ocupa uma posição central a edição de cinquenta e cinco documentos em prosa instrumental, um dos primeiros domínios do escrito em que a

variedade românica se impôs ao latim. Constituinte dessa edição o "corpus" de análise dos autores do livro, com ela se encontram estreitamente vinculados o capítulo I, "Estudo lingüístico", e os capítulos II, "Critérios de edición", e o capítulo IV, "Glosario". Completam a obra uma secção de "Índices e mapas", onde se identificam e localizam os topónimos citados nos documentos, assim como as formas antroponímicas (com todas as variantes formais), a propósito das quais se fornecem úteis indicações para a sua identificação histórica. De grande utilidade para a leitura da obra e para a compreensão de algumas conclusões formuladas pelos autores são os mapas em que se apresenta a localização dos documentos e a situação aproximada das terras medievais neles referidas.

Nunca é demais realçar a importância da publicação de fontes documentais, nomeadamente de fontes de que são conhecidas as coordenadas de tempo e espaço em que foram produzidas e que, por essa razão, contêm materiais lingüísticos datados e localizados. Neste caso concreto, o "corpus" documental agora publicado corresponde a um período particularmente relevante da história da variedade românica do Noroeste hispânico, a passagem à escrita do galego-português, ou seja, o início da constituição de uma *scripta* no território galego, questão a que adiante voltaremos.

A maior parte dos textos havia já sido anteriormente publicada por vários autores noutras colecções documentais – situação explicitamente referida em cada documento – mas são agora reunidos (em leitura nalguns aspectos aperfeiçoada) de acordo com as finalidades do estudo.

Deve, ainda, valorizar-se o rigor paleográfico da edição e os dados fornecidos no aparato crítico, assim como a apresentação num anexo da reprodução fotográfica dos cinquenta documentos agora reunidos e editados relativamente aos quais foi possível ter acesso aos pergaminhos originais, o que permite ao leitor comprovar a fiabilidade da leitura feita pelos autores.

Uma vez que presidiram à definição dos objectivos do estudo e à delimitação do campo de trabalho, faremos incidir alguns comentários sobre os seguintes aspectos relativos aos documentos que constituem a edição: o aspecto diplomático, o aspecto cronológico, o aspecto linguístico e scriptolinguístico e o aspecto geográfico.

Se se exceptuar o documento nº. 6 que é um traslado feito em data muito próxima do original, os cinco documentos publicados no "Apêndice" (Apêndices A, B, C¹, D e E) de que se desconhece o original e que foram editados a partir de outras edições ou lidos através de cópias coetâneas, a edição consta de documentos lidos a partir de documentos que tiveram uma única origem textual, aspecto que para estudos desta natureza deve ser relevado: considerando que a situação do documento nº. 6 é excepcional, fica salvaguardada a prioridade metodológica que deve ser concedida aos originais, no sentido paleográfico-diplomático do termo, para estudos de carácter linguístico e scriptolinguístico.

Sob o ponto de vista da sua abrangência temporal, a edição inclui documentos de um período muito curto, de aproximadamente trinta e cinco anos, compreendidos entre ca. de 1225 e ca. de 1260, período decisivo para a questão da escrituralização da variedade românica na Galiza: a esse período remontam os documentos que podem considerar-se os primeiros testemunhos escritos conhecidos da prosa instrumental na variedade românica da Galiza. Trata-se do período de emergência da *scripta* na Galiza na referida tradição de discurso. Numa outra tradição discursiva, tipicamente românica, onde não era pertinente o uso do latim, e associada a uma cultura profana, a poesia trovadoresca, a mais antiga composição datável é o sirventês do trovador português João Soares de Paiva que deve ter sido composto nos finais o século XII. Situa-se o Autor entre os precursores da lírica trovadoresca que devem ter começado a trovar antes do início do século XIII.

Um outro princípio que orientou a constituição da colecção documental e a inclusão

dos textos na edição foi o grau de definição linguística e scriptolinguística, determinado com base em critérios estabelecidos pelo segundo autor do livro em trabalhos anteriormente publicados e que, na época a que se reportam os textos, se revestem de grande complexidade: já no âmbito mais amplo da passagem à escrita das variedades românicas da imediatez e da formação de *scriptæ*, se salientou que nas produções escritas mais antigas se verificam situações de ambiguidade linguística e de hibridismo, sobretudo entre a variedade românica e o latim, mas também entre variedades românicas, o que nalguns casos coloca problemas na atribuição linguística, isto é, na determinação da pertença linguística de determinados textos². Têm os autores consciência dessa dificuldade e apontam, entre outros, os documentos nºs. 1 e 4 como textos latino-românicos, mas importantes para a reconstituição do processo de transição do latim à variedade românica na escrita (p. 6), justificando desse modo a sua inclusão na colecção documental. Num outro momento, ao proporem uma tipologia scriptolinguística dos documentos, a propósito do critério designado por "compactação" que tem em consideração a alternância / mistura de códigos, a categoria designada "textos translectais ou difusos" é descrita como abrangendo "textos extremadamente borrosos, na sintaxe e no léxico basicamente romances, na morfoloxia ambiguos, pero que poden estar escritos en todo ou en parte con roupaxe gráfica latinizante, alén de presentaren concesións ao latín no vocabulario e en certas fórmulas máis ou menos estereotipadas. Estes textos adoitan ser ricos en fenómenos de interglosia, isto é, salferidos de fórmulas híbridas, chegando á combinación de alternancia e mestura de códigos" (p. 10).

Reflexo igualmente da complexidade do processo são as categorias estabelecidas com base no princípio de autonomização de uma *scripta* românica face ao latim mas também a outras variedades românicas (nomeadamente o castelhano e o leonês) e sobretudo a distinção entre as modalidades "semi-heterónoma"

e "semi-autónoma" que os autores reconhecem ser discutível.

Mas a definição, neste caso mais linguística que grafemática, dos textos publicados coloca-se também em relação a outras variedades românicas de então, nomeadamente o castelhano e o leonês. Essa relação com as duas variedades pode resultar, por um lado, da influência de modelos textuais e scripto-linguísticos associada à adopção na Galiza da inovação que irradiou a partir de centros de produção textual castelhanos e leoneses, e, por outro lado, pelo facto de alguns documentos seleccionados se localizarem em áreas orientais periféricas da Galiza ou já na província de Zamora. Desse modo, no âmbito do princípio da individualização, distinguem os autores três tipos de textos: os que apresentam traços da variedade oriental da Galiza, textos que revelam simultaneamente traços do galego e do leonês e textos com alternância de códigos entre a variedade da Galiza e o castelhano.

Finalmente, algumas considerações sobre a área abrangida pelo "corpus" documental. Pretendendo estudar a escrituralização do romance em território galego, os autores circunscreveram a colecção documental apenas à primitiva produção em romance localizada na Galiza: exceptuando o documento nº. 16, datado de Sevilha, e dois documentos localizados na província de Zamora (docs. nº.14 e 15), todos os restantes foram redigidos na Galiza, embora estejam mais representados os documentos das duas províncias orientais, Lugo e Ourense, em virtude do modo como se desenvolveu na região galega o processo de emergência da escrita em romance por influência de centros de produção textual e scriptural castelhanos e leoneses.

Se tivermos em consideração que, na época, não se pode ainda falar de línguas, no sentido moderno do termo, com usos linguísticos estandardizados, mas de variedades românicas até então usadas apenas na oralidade, entende-se facilmente qual o sentido que pode ser atribuído à designação "galego" presente no subtítulo do livro e apresentada na

introdução como identificadora do idioma em que estão redigidos os primeiros documentos da Galiza escritos em romance. A designação corresponderia a uma variedade do romance falado no NW da Península Ibérica e que era o resultado do desenvolvimento histórico do latim implantado no território da *Gallaecia* romana.

Se, sob o ponto de vista do primeiro processo que evocámos no início, se pode falar de uma relativa unidade linguística, sob o ponto de vista do segundo processo, o da escrituralização desse romance, faz sentido analisar separadamente a emergência da escrita romance na Galiza e em Portugal (ou no Noroeste de Portugal). Estando a formação e a consolidação das *scriptæ* assim como o seu desenvolvimento diacrónico associados a determinados centros políticos e culturais, nomeadamente centros de produção textual e scriptural, compreende-se que a adopção do uso do romance na escrituralidade não tenha constituído um processo totalmente unitário na Galiza e em Portugal. Em trabalhos anteriores ocupara-se Henrique Monteagudo da escrituralização do romance em todo o domínio galego-português, tendo incidido em aspectos cronológicos da adopção do romance na escrituralidade no território da Galiza e em Portugal assim como nos tipos de textos associados numa e noutra área a essa primitiva produção escrita. Está por fazer o estudo conjunto e comparado de carácter linguístico e scripto-linguístico da primitiva produção escrita em romance da Galiza e do Noroeste de Portugal: entre outros aspectos, importaria averiguar se, nesses territórios a norte e a sul do Minho, se formaram, nesse primeiro momento, idênticas ou diferentes tradições de língua da distância assim como tradições gráficas coincidentes ou já com opções distintas.

A terminar esta apreciação sobre a colecção documental publicada, deve pôr-se em relevo que, pela qualidade da transcrição dos documentos, pela sua dimensão e homogeneidade textual – trata-se de documentos em prosa instrumental – e cronológica, ela constitui uma fonte importante para o estudo da lín-

gua e das tradições gráficas neste período de incipiente escrituralização, quando o romance começa a adquirir autonomia comunicativa em relação ao latim.

Os materiais linguísticos registados nos textos editados são analisados no capítulo I ("Estudo lingüístico", pp. 9-79) que contém uma primeira secção onde se estabelece uma tipologia scriptolinguística dos textos (pp. 9-22), uma outra intitulada "Estudo lingüístico: fonémica e grafémica" (pp. 22-53) e, finalmente, uma secção consagrada a alguns aspectos morfo-sintácticos (pp. 54-79).

O estabelecimento de uma tipologia scriptolinguística a preceder o estudo linguístico é essencial para compreender o complexo processo de passagem do romance à escrituralidade na zona setentrional da área galego-portuguesa. A reflexão implicada nessa classificação permite aos autores da obra interpretar e analisar de forma mais adequada, tanto sob o ponto de vista linguístico como grafemático, os materiais registados nos textos de acordo com as categorias tipológicas em que estes se inserem à luz dos critérios estabelecidos.

Na secção consagrada ao estudo de carácter fonológico e grafemático, são analisados alguns aspectos relativos ao vocalismo, aos ditongos e ao consonantismo, incidindo a análise, neste último domínio, particularmente na variação fonética e na representação gráfica dos novos fonemas consonânticos, romances, não existentes em latim.

Sobressai, ao longo de toda a secção, a intensa variação gráfica e fónica, traduzida na acentuada vacilação gráfica, o que é facilmente compreensível num período de incipiente escrituralização, e na concorrência de numerosas variantes fonéticas reveladas pelos textos e que são indício da variação da língua oral, além da tensão entre o latim e o romance ou entre a ortografia latina e a grafia romance que ensaiava então os seus primeiros passos, manifestando-se frequentemente essa tensão através de grafias latinizantes ou pseudo-latinizantes.

À semelhança do que havia já sido evidenciado em relação ao período subsequente

(Maia 1986), os segmentos vocálicos situados em posição átona, especialmente os pretónicos, manifestam muito mais acentuada variação gráfica e fónica do que os situados em posição tónica.

É importante ainda assinalar que os materiais analisados pelos autores fornecem contributos importantes para o conhecimento da cronologia de algumas mudanças linguísticas ocorridas na área galego-portuguesa.

Como é sabido, eram muito frequentes no romance do Noroeste peninsular as situações de hiatos vocálicos, ocasionados por razões diversas, mas sobretudo pela síncope de determinadas consoantes em posição intervocálica ocorrida na mutação histórica do latim ao galego-português. Como seria de esperar em virtude do período abrangido pelo "corpus" documental, é extraordinariamente frequente a ocorrência de sequências hiáticas nos textos analisados (cf. pp. 36-39). Mas, desde meados do século XIII, a crase de duas vogais em hiato, iguais ou tornadas iguais em virtude de processos assimilatórios, está documentada nos textos e é evidenciada no estudo elaborado pelos autores. As formas *maças* (doc. nº.50, 1260, em coexistência com *maçasas*), *maceyras* (doc. nº 43, 1259), *tente* doc. nº. 42, 1259), *mostero* (doc. nº.26, 1255) obrigam a remontar o início do processo pelo menos a meados do século XIII e a avaliar com prudência as situações de hiato gráfico que são quase gerais nos documentos publicados. Destacam, ainda, os autores que uma solução divergente do hiato da forma *teente* está já presente nas formas *tiente* e *tiende* registadas em dois documentos de 1256 (respectivamente docs. nºs. 31 e 32).

Fazem-se também pertinentes observações sobre as representações dos ditongos decrescentes *ou* e *ei* em articulação com as diferentes modalidades de escrita dos documentos, ao mesmo tempo que se procura interpretar em que situações a variação gráfica é ou pode ser indício de variação fonética. Essa tarefa interpretativa foi facilitada pelo facto de os autores disporem actualmente de uma plataforma informática que permite o acesso fácil e rápido aos documentos medievais da Gali-

za já publicados e, neste caso concreto, aos documentos do século XIII, o TMILG (*Tesouro Medieval Informatizado da Lingua Galega*), e, ainda, dos materiais do *Atlas Lingüístico Galego*, que comprovam a vigência na actualidade em determinadas áreas galegas de formas registadas em documentos deste período. Esses importantes instrumentos permitem avaliar foneticamente algumas grafias e, nalguns casos, esboçar a distribuição geográfica de determinadas variantes fonéticas, a qual pode não ser totalmente coincidente com a actual distribuição diatópica. A este propósito, é esclarecedora a interpretação fornecida acerca da grafia <au> nas formas *autro*, *autorgo*, *Aurense*, provavelmente formas da língua oral e não meras variantes gráficas.

No domínio dos ditongos crescentes, fica também patente a antiguidade da redução do ditongo, por perda da semivogal velar, nas sequências [kwa] e [gwa]: os documentos revelam, para algumas formas, situações de variação, ou seja, ao lado das sequências conservadas, há formas com redução do ditongo. A conservação das referidas sequências e a sua redução constituem ainda actualmente um traço dialectalmente relevante na Galiza, apresentando os dois tratamentos uma clara distribuição geográfica. Sob o ponto de vista histórico, é importante assinalar que, quando na zona setentrional da área galego-portuguesa, o romance passa à escrituralidade, a redução do ditongo – aliás comum ao Noroeste de Portugal – já caracterizava a língua oral.

A propósito da representação da nasalidade da primeira vogal do hiato resultante da síncope de -N- em posição intervocálica, uma mudança exclusiva do galego-português e já concluída antes de o romance iniciar o processo de escrituralização, o livro apresenta algumas observações sistematizadas e organizadas de forma inovadora sobre as diferentes soluções gráficas utilizadas, desde os textos escritos em modalidades de transição até aos textos já plenamente romances, representantes de uma escrita autónoma. Não havendo experiência anterior sobre a representação da nasalidade com a mencionada proveniência

e não encontrando modelos scriptolinguísticos para essa representação gráfica em textos castelhanos e leoneses, é interessante analisar as soluções encontradas pelos notários e escribas no início do processo de passagem à escrita do romance.

No que se refere ao consonantismo, há dados com interesse e novidade no âmbito da estrutura e da história dos sistemas gráficos medievais e da fonologia diacrónica do galego-português.

Embora fosse já conhecido que a neutralização da oposição ente os primitivos fonemas oclusivo bilabial sonoro /b/ e fricativo bilabial sonoro /β/ remontava, pelo menos, à segunda metade do século XIII e se tinha acentuado no decurso dos séculos XIV e XV (Maia 1986: 472-485, mas sobretudo 472-475. O doc. 1292 O59 oferece abundantes exemplos de grafias que indiciam a neutralização da oposição fonológica entre os referidos fonemas), a análise scriptolinguística agora empreendida possibilita fazer recuar o fenómeno até à primeira metade daquele século, isto é, ao início do processo de escrituralização do romance, o que permite deduzir que ele existiria já na língua oral.

Outros aspectos abrangidos pelo estudo são os referentes às fricativas sibilantes e pré-palatais, e às africadas pré-dorso-alveolares e pré-palatais assim como aos fonemas lateral palatal e nasal palatal. É de notar sobretudo a intensa variação gráfica, pressentindo-se, na representação de alguns fonemas novos, romances, não existentes em latim, o esforço dos escribas por encontrar signos de valor fonografemático. Essa busca é particularmente sensível nos grafemas que representam as fricativas pré-palatais, assim como a nasal palatal e a lateral palatal.

O terceiro capítulo incide sobre os aspectos considerados mais relevantes da variação morfo-sintáctica: como era de esperar, a variação é muito menos acentuada do que no nível fonético. A análise realizada é mais de tipo morfológico do que sintáctico, embora seja de salientar que a propósito dos pronomes pessoais se fazem algumas observações sobre as

funções sintácticas desempenhadas pelas formas e sobre a ordem habitual dos clíticos em relação ao verbo, sendo de realçar o uso de *ela* como objecto directo (cf. "vêdo ela", doc. nº. 44, 1259) e uma ocorrência de mesóclise numa forma de condicional (cf. "fla-lo-yan", doc. nº. 25, 1255). Julgo que seria muito produtivo estender aos possessivos uma análise de tipo sintáctico e semântico, nomeadamente da construção do possessivo (átomo e tónico) com e sem artigo definido neste período de passagem do romance à escrituralidade.

Ao longo do capítulo são analisadas as situações de variação mais significativas no plano morfológico, tendo em conta as mudanças diacrónicas operadas assim como, quando pertinente, a diversidade diatópica.

As situações de variação são bem apresentadas e descritas, ficando em evidência, nalguns casos, o carácter precoce da variação (cf. *uoscu*, doc. nº. 8, Ferreira / *cōuosco*, doc. nº. 22, Portomarín) ou a distribuição diatópica das variantes (cf. *esté*, P3 de Conj. Pres., registada no doc. nº. 34, localizado em Betanzos, Prov. Coruña; e *estia*, igualmente P3 de Conj. Pres., esta última registada em dois documentos, um localizado em Monforte, na zona oriental da prov. de Lugo (doc. nº. 35) e o outro em San Martiño de Castañeira, na prov. de Zamora. Havia já sido assinalada, a partir da análise de outra colecção documental, a existência, desde o século XIII, de um duplo paradigma do Conj. Pres. de *estar*, um representado em toda a área galego-portuguesa do tipo *esté*, *estē*, etc., e outro, na Galiza oriental, afim ao que, desde o período medieval, estava representado em leonês e asturiano (Maia1986: 785-787). O estudo de Ana Isabel Boullón Agrelo e Henrique Monteagudo não só vem confirmar a existência desse duplo paradigma na Galiza medieval como também a distribuição diatópica das formas do tipo *estia* na zona oriental do território galego ou já prov. de Zamora.

Embora seja conhecida a ocorrência, desde os finais do século XIII, de algumas formas verbais isoladas e esporádicas de P5 com apagamento de *-d-* no morfema número-pessoal *-des* (ou *-de* no imperativo) e, excepcional-

mente, com actuação das regras de assimilação e crase (cf. Carvalho 1996: 35-43), julgo que deve ser ponderada a possibilidade de estarmos perante uma situação de variação morfológica entre formas que conservam o referido morfema e que são as habituais no "corpus" agora publicado e formas do tipo *dés*, *enpeñorés* registadas no documento nº. 3, a par das formas mais frequentes. Saliente-se, porém, que no interior desse documento datado de 1233, alternam as formas de tratamento da segunda pessoa, entre o singular e o plural, situação, aliás, já conhecida de outros documentos notariais publicados noutras colecções documentais (cf., por exemplo, Maia 1986: 1258 L23). Concomitantemente com a vacilação entre as formas de pronome pessoal da segunda pessoa do singular e do plural, verifica-se também a alternância entre as correspondentes formas de possessivos. Atente-se, por exemplo, nos seguintes exemplos: "facimus placitum firmissimum c solidos roboratum *tibi* Fernão Arie et omni uocj *uestre* et uxore *tue*; damus *tibi* ()" (O itálico é da nossa responsabilidade). Ao longo do documento, as formas verbais usadas correspondem habitualmente a P5, estando por vezes o pronome pessoal explícito. Há, contudo, uma ou outra construção que suscita dúvidas de interpretação, não sendo seguro se estamos em presença de P5 do futuro do indicativo e, portanto, de uma forma com síncope de *-d-* e com crase, ou de uma forma de P2 do infinitivo flexionado: "*e se quiseredes* cantar arbores, *cantares* en tal lo[...].gar que nõ tola pã". Tenha-se presente que no antigo galego-português são possíveis as duas estruturas sintácticas nas construções condicionais de tipo hipotético: a oração que exprime a condição é começada por *se* seguido do futuro do conjuntivo, sendo possível na oração conseqüente o emprego do futuro do indicativo ou do infinitivo flexionado, estando esta última construção largamente atestada na área galega (cf. Maia 1986:765-766 e também na presente obra, por exemplo, os documentos nºs. 9, ll. 10-11 e 34, ll. 20-22). Poderá ser muito esclarecedor o estudo de alguns aspectos sintácticos (e semânticos) dos do-

cumentos agora publicados, nomeadamente das estruturas sintácticas apresentadas pelas construções condicionais, assim como dos usos do infinitivo conjugado e do conjuntivo. Seria também importante comprovar se, numa construção condicional em que existe uma relação de dependência semântica entre as duas orações que a constituem, há abonações de vacilação entre P2 e P5 de formas verbais. Essa investigação poderá ser do maior alcance para decidir acerca da interpretação a dar à forma *cantares* e, indirectamente, para comprovar se o apagamento de *-d-* do morfema número-pessoal e a actuação da regra da crase já se verificava nas primeiras décadas do século XIII.

Os materiais de carácter lexical registados na colecção documental são organizados e apresentados num glossário (capítulo IV), cujos critérios de tratamento lexicográfico e de estruturação das entradas são descritos pelos autores.

A lematização proporciona aos leitores do glossário um material organizado em artigos de carácter enunciativo, ao mesmo tempo que, nos de carácter remissivo, figuram as variantes gráficas registadas.

Trata-se de uma importante ferramenta de investigação que facilita o estudo diacrónico de aspectos fonológicos, morfológicos e sobretudo lexicais do antigo galego-português, da sua unidade e da sua diversidade, oferecendo uma particular relevância para a área galega e para a história do léxico galego, sobretudo quando os materiais lexicais extraídos dos documentos que constituem a base da presente publicação forem articulados com outros materiais e com abonações já conhecidas de fontes documentais anteriormente publicadas. Relativamente a várias entradas, proporcionam os autores outra exemplificação já documentada em textos medievais através do recurso a plataformas informáticas como o TMILG ou o CODOLGa que, dotadas de poderosa capacidade de busca, num tempo reduzido proporcionam um significativo número de ocorrências das formas em estudo: essa extraordinária van-

tagem não deve ser prejudicada pela não explicitação das referências bibliográficas correspondentes às edições em que essas formas ocorrem. Valerá ainda a pena sublinhar a importância que estes materiais apresentam, numa perspectiva mais ampla, para o conhecimento do léxico ibero-românico no período crucial da história das variedades românicas peninsulares, o período de emergência da escrita romance em cada um dos domínios.

Constituindo o léxico o sistema básico de toda a organização linguística e reflectindo, por outro lado, o mundo cultural da época, o glossário permite o acesso ao vocabulário de âmbito jurídico e administrativo, mas também ao vocabulário da vida quotidiana da região que transparece no “corpus”: alguns documentos oferecem materiais interessantes em determinados âmbitos semânticos, nomeadamente no domínio da vida agrícola, dos objectos de uso doméstico e do vestuário.

Em conclusão, o trabalho de Ana Isabel Boullón Agrelo e Henrique Monteagudo representa um importante contributo para o conhecimento do complexo problema da passagem à escrituralidade do romance na Galiza e da constituição de uma tradição de língua da distância românica nessa zona. A análise que o leitor poderá empreender da colecção documental e o cuidadoso estudo realizado pelos autores vêm confirmar o que tem sido evidenciado desde o início dos estudos scriptológicos em relação a outros domínios linguísticos, nomeadamente o domínio galo-românico. Em primeiro lugar, a intensa variação gráfica e linguística manifestada na fase constitutiva de uma tradição de língua escrita em romance, em que, além disso, não é possível descortinar uma direcção única, mas várias, o que evidencia o carácter não unitário da *scripta*. Fica patente, em relação à zona abrangida pelo estudo, que é possível encontrar na mesma época diferentes modalidades de escrita correspondentes umas a estados mais avançados e outras de feição primitiva. Por outro lado, tem sido também sublinhado o carácter híbrido e composto

dessas tradições de língua escrita românicas – os autores falam mesmo de um *continuum* híbrido e compósito – que revelam simultaneamente traços inovadores a par de traços conservadores e traços diatópicos de âmbito regional ou dialectal a par de traços atópicos característicos de todo o domínio linguístico (Goëbl 1975: 4-5). Aliás, um aspecto particular da relação entre a língua da oralidade e a língua da escrituralidade, a relação da *scripta* com as variedades diatópicas (locais ou regionais) constituiu, desde as primeiras investigações scriptológicas, o problema central desse tipo de estudos (Remacle 1948). Na edição agora publicada são os documentos localizados na Galiza oriental ou já em território zamorano que acusam a presença mais visível de traços de uma variedade diatópica da língua falada.

Constituindo a escrituralização de uma variedade românica o início do processo de elaboração linguística, a obra em apreço representa um significativo avanço para o conhecimento da elaboração extensiva e intensiva do galego-português e, de forma particular, da história do galego. Acresce, ainda, que, relativamente a algumas mudanças linguísticas, o estudo permite recuar a cronologia do início dos respectivos processos, a inovação linguística, para uma data anterior à que, até ao momento, era conhecida.

O estudo realizado pelos autores tem ainda o mérito de não esgotar o “corpus” que publicam: os documentos editados podem ser analisados tendo em vista estudos de sintaxe e de discurso neste período de incipiente escrituralização do romance, uma vez que, para além das pertinentes questões tratadas, o processo de construção sintáctica e discursiva poderá permitir compreender importantes problemas envolvidos na textualização em romance, ou seja, o início de uma tradição escrita em romance. Os especialistas em Sintaxe histórica e em Discurso encontram nesta colecção documental matéria-prima de qualidade para essa investigação.

Referências bibliográficas

- Carvalho, Maria José Simões Pereira de (1996): *Do Português arcaico ao Português moderno. Contributos para uma nova proposta de periodização*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa (inédita). Coimbra: Faculdade de Letras.
- Frank, Barbara / Jörg Hartmann (eds.) (1997): *Inventaire systématique des premiers documents des langues romanes*, t. I. Tübingen: Gunter Narr.
- Goëbl, Hans (1975): “Qu'est-ce que la scriptologie?”, *Medioevo Romanzo* II, 3-43.
- Koch, Peter / Wulf Oesterreicher (2001): “Gesprochene Sprache und geschriebene Sprache. / Langage parlé et langage écrit”, em Günter Holtus / Michael Metzeltin / Christian Schmitt (eds.), *Lexikon der Romanistischen Linguistik (LRL)*, t. I, 2. Tübingen: Max Niemeyer, 584-627.
- Koch, Peter / Wulf Oesterreicher (2007): *Lengua hablada en la Romania: Español, Francés, Italiano. Versión española de Araceli López Serena*. Madrid: Gredos.
- Maia, Clarinda de Azevedo (1986): *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI. (Com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Remacle, Louis (1948): *Le problème de l'ancien wallon*. Liège: Faculté de Philosophie et Lettres.

¹ Quando, na década de 1970, procedi a pesquisas no Arquivo Histórico Nacional de Madrid com o fim de preparar a colecção documental que daria origem à obra *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI* (1986). Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, pude ainda consultar e analisar esse documento que figurava então na pasta 1135, com o número 6.

² Sobre a complexidade das questões colocadas pelas relações entre as variedades românicas e o latim presentes nos mesmos documentos e sobre os critérios que presidiram à escolha dos que oferecem mistura de línguas e à sua inclusão no *Inventaire systématique des premiers documents des langues romanes*, veja-se Frank / Hartmann, I, 1997: 16-22. Apesar da importância de que se reveste o critério quantitativo, nem sempre ele se revela suficiente, sendo necessário, nalguns casos, recorrer à avaliação de elementos de carácter gramatical, nomeadamente da morfologia e da sintaxe.